

'Centrão' se diz enganado pelo PMDB e desiste de acordo

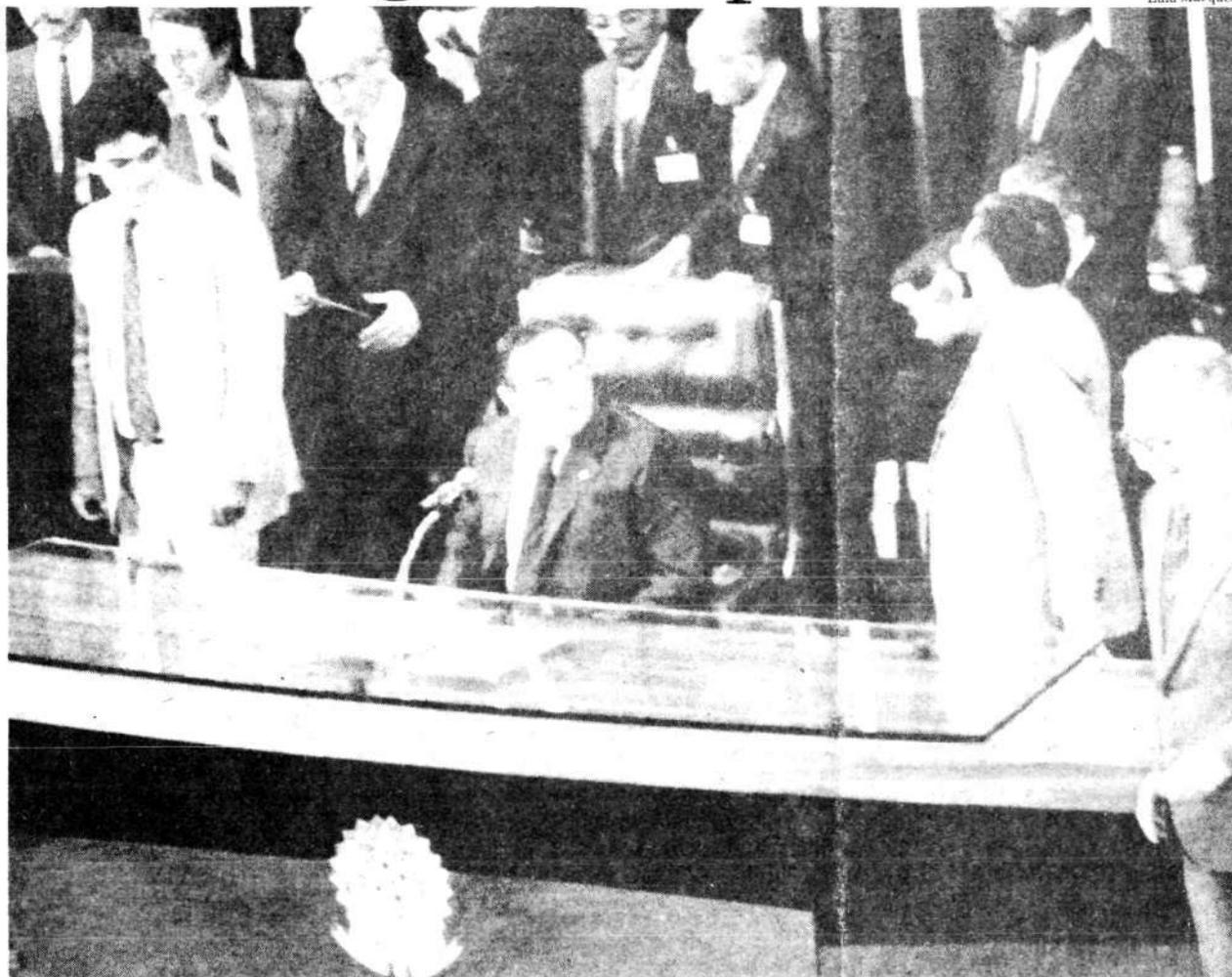
Da Sucursal de Brasília

Com o adiamento da sessão de votação do novo regimento do Congresso constituinte, o "Centrão" desistiu de negociar um acordo com as lideranças do PMDB.



"Eu considero que aqueles que ainda querem um acordo perderam a vergonha. Estamos dispostos até à violência física, se for necessário (para garantir a votação)", disse o deputado Amaral Netto (PDS-RJ), um dos articuladores do grupo, para cerca de 110 membros do "Centrão", que se reuniram no auditório Nereu Ramos, após a suspensão da sessão.

Exaltados, os articuladores do "Centrão" coordenaram um "grito de guerra" contra o PMDB. "Eles nos taparam", disse Amaral Netto, ao classificar como "molecagem" as seguidas reuniões entre os dois grupos para firmar um acordo. "Não tem negócio com sacana", gritou o deputado Fausto Rocha (PTB-SP) que estava no fundo do auditório, recebendo aplausos. Até mesmo alguns palavrões contra o deputado Ulysses Guimarães, presidente do PMDB e do Congresso constituinte, foram gritados. Na noite de ontem, os articuladores do "Centrão" telefonariam a seus membros para confirmar as presenças na sessão de hoje. "Vamos votar o nosso projeto", disse o deputado Roberto Cardoso Alves (PMDB-SP).



Ao término da sessão, o deputado Salim Curiati (PDS-SP) ocupa o lugar do presidente da Mesa do Congresso constituinte

Lula Marques

Curiati "assume" a presidência para protestar

Da Sucursal de Brasília

O dia em que Salim Curiati presidiu o Congresso constituinte. É assim, um circo sob o signo do absurdo, que pode ser descrita a sessão de ontem no plenário da Câmara. Depois do encerramento da sessão, o deputado do PDS paulista subiu à Mesa Diretora e tomou posse da cadeira destinada à presidência, vociferando protestos num microfone já mudo. "É golpe, é golpe!", gritava um coro da esquerda peemedebista no plenário, invocando a presença dos agentes de segurança para retirar o "impostor".

Foram dez minutos de agitação para quatro horas de absoluta "enrolação". Mais de duas dezenas de oradores se revezaram na tribuna, protelando a votação da emenda do "Centrão" para alterar o regimento interno, enquanto líderes do grupo suprapartidário negociavam com Ulysses, Covas e Fernando Henrique um acordo que evitasse o confronto em plenário. "A Mesa está querendo ganhar tempo, mas vamos lá", disse o deputado Francisco Kuster (PMDB-SC), ao iniciar seu discurso.

Enquanto os líderes negociavam, no plenário ficava claro que não sairia acordo algum, nem mesmo um "encontro de pontos convergentes", na linguagem do deputado Daso Coim-

bra, um dos coordenadores do "Centrão". "Não perdemos a vergonha, por isso não aceitamos o acordo", disse o líder do PT, Luiz Inacio Lula da Silva.

No fim da sessão, sem acordo, o "Centrão" encheu o plenário, ansioso para votar sua proposta original. O deputado José Genoíno (PT-SP), rodeado de "centristas" que pediam a prorrogação da sessão, tomou o microfone de apertar para exigir o encerramento. O senador Mário Maia (PDT-AC), que presidia a Mesa, quis ler o regimento para decidir. Depois de lê-lo em voz alta, encerrou a sessão, entre gargalhadas gerais da esquerda.

"Com o PT no microfone e o PDT na presidência, não dá", reclamou um centrista inconformado. "Essa foi, ó...!", riu Genoíno, passando a mão sobre a boca e escapulindo do plenário. A confusão de instalou, com parlamentares do "Centrão" berrando palavras contra Mário Maia e jurando "guerra" à esquerda. "Vamos fazer uma reunião do 'Centrão' aqui, agora", berrou José Lourenço (PFL-BA) empoleirado na Mesa. "Todos pro Nereu Ramos" (auditório da Câmara), comandou Daso Coimbra do outro lado, antes de atender ao apelo tardio de outro centrista: "Desce daí, Daso, não faz papel ridículo".

Lula Marques



O deputado Expedito Machado (PMDB-CE) testa o painel eletrônico para votações

Preferência de votação das emendas é o principal impasse nas negociações

Depois de quinze dias de negociação, o impasse na votação do novo regimento do Congresso constituinte resumiu-se ontem a um item: o encaminhamento das preferências de votação de emendas ao projeto da Comissão de Sistematização. Trata-se de um detalhe aparentemente banal, mas de grande importância para o futuro das votações. "É um tema abstrato, mas de efeito fulminante sobre o que virá depois" —disse o deputado Nelson Friedrich (PMDB-RS).

O "Centrão" defende que se conseguir 280 assinaturas para suas emendas a capítulos do projeto de Sistematização essas emendas terão, automaticamente, a "preferência" de votação —isto é, poderão ser votadas antes do texto correspondente da Sistematização. O PMDB e a esquerda insistem em que não bastam as

assinaturas: a preferência só será concedida se for votada em plenário, isto é, se as 280 assinaturas corresponderem a votos.

'Maioria preguiçosa'

Só então o conteúdo propriamente dito da emenda será votado. O PMDB e a esquerda insistem em votar as preferências porque apostam na "maioria preguiçosa" do "Centrão", como disse Nelson Friedrich. O pressuposto (admitido pelo próprio grupo) é que é mais fácil conseguir assinaturas através de abaixo-assinados distribuídos por todo o país do que ter 280 votos efetivamente no plenário, em Brasília.

A preferência é importante porque dá vantagem relativa a um ou outro bloco. Se uma emenda de capítulo do "Centrão" tiver preferência, será votada em bloco, numa única vota-

ção, tornando sem efeito o texto correspondente da Sistematização. Será, portanto, mais fácil para o "Centrão" ter 280 em plenário num único dia. Já a esquerda, se quiser mudar esse capítulo, terá que apresentar várias emendas e conseguir 280 votos em sucessivas votações.

A vantagem relativa do "Centrão", portanto, será maior se a preferência for automática, ou seja, só através das assinaturas. Se, ao contrário, a preferência tiver que ser votada, o "Centrão" terá que reunir 280 pessoas numa votação e manter esses mesmos 280 para a votação do mérito propriamente dito da emenda, que poderá ser protelada por alguns dias. Estes dias são vitais para a esquerda, pois ela aposta no gradativo esvaziamento do bloco "conservador", à medida que o tempo passa.

Voto eletrônico não elimina o risco de fraude

Da Sucursal de Brasília

O sistema de votação eletrônica do Congresso constituinte, criado para evitar fraudes, não elimina a possibilidade de um parlamentar votar por colegas ausentes. Os terminais de votação avulsos abrem espaço para uma nova modalidade de "pianistas".

Com a senha de um colega ausente, qualquer constituinte pode votar normalmente em seu lugar. Depois, dirige-se ao terminal avulso, destinado aos que não conseguiram lugar sentado no plenário (há 456 poltronas para 559 constituintes) e aos que não tiveram seu voto comutado por erro de operação de terminal. Aí ele registra o próprio voto e consegue, pelo artifício, reforçar sua posição sobre o tema em votação.